

DESVENDANDO AS TRILHAS DO TEXTO: UMA ABORDAGEM SOBRE O ENSINO DE LEITURA POR MEIO DA REFERENCIAÇÃO

DISCLOSING TEXT TRACKS: AN APPROACH TO READING EDUCATION BY REFERENTIATION

Margareth Morais
IFRJ/UFRJ

Resumo: O objetivo deste trabalho é, a partir de um breve panorama dos estudos sobre referenciação, mostrar como esses conhecimentos podem ser utilizados nas aulas de língua portuguesa, colaborando, principalmente, com o ensino da leitura. Segundo os estudos atuais em Linguística de Texto, conforme apontam Mondada e Dubois (2003), Cavalcante (2011) e Cavalcante e Santos (2014), a referenciação é um processo sociocognitivo de construção de sentidos, o que permite a associação entre esse fenômeno e a atividade de leitura. A fim de colaborar com o ensino de leitura, há a análise de um gênero textual pouco utilizado na escola, a notícia esportiva, que versa sobre resultados de partidas de futebol. A proposta de análise desse gênero destaca como no texto se constituem cadeias referenciais, recategorizações e encapsulamentos, demonstrando como esses elementos podem servir como “pistas” no ato da leitura.

Palavras-chave: referenciação; ensino de língua portuguesa; leitura.

Abstract: The purpose of this work is, from a brief overview of the studies on referencing, to show how these knowledge can be used in Portuguese language classes, collaborating mainly with reading teaching. According to current studies in Text Linguistics, to Mondada e Dubois (2003), Cavalcante (2011) e Cavalcante e Santos (2014), the reference is a sociocognitive process of meaning construction within the texts, which allows the association between this phenomenon and the reading activity. In order to collaborate with teaching reading, there is the analysis of a textual genre little used in school, the sports news, which deals with results of football matches. The analysis proposal of this genre highlights the processes of reference and the evolution of referents in the text, demonstrating how these elements can serve as "clues" in the act of reading.

Keywords: Referentiation, Portuguese language teaching; reading.

INTRODUÇÃO

O escopo deste trabalho consiste em apresentar como os processos de referenciação podem ser atrelados a atividades que contribuam para um ensino mais eficiente de leitura, associando dois temas de grande relevância para a Linguística de Texto: referenciação e leitura.

Apesar do grande avanço nos estudos relacionados à referenciação e à sua importância como um fenômeno constitutivo da construção de sentidos, muitas vezes, os livros didáticos e manuais de leitura ainda trabalham com uma noção superficial de referenciação, restringindo-a à seção de coesão textual. (cf. GONÇALO, 2013). Nesse caso, o foco recai sobre as estratégias de substituição de um termo por outro para evitar repetição de palavras – emprego de pronomes, hipônimos, hiperônimos – pouco contribuindo para demonstrar a construção de referentes dentro do texto. Soma-se a esse quadro, conforme demonstra Gonçalo (2013), o fato de que a leitura e a interpretação, muitas vezes, são abordadas, em contexto escolar, apenas como pretexto para que o professor discuta questões gramaticais, sem trabalhar, de fato, a construção daquele gênero textual e seus aspectos discursivos, como intencionalidade, orientação argumentativa, finalidade, por exemplo. É nesse contexto que surge a motivação para a discussão aqui proposta, como forma de incentivar um trabalho mais qualificado com a leitura em sala de aula, oferecendo sugestões para isso.

Para atingir tais propósitos, adota-se a noção de referenciação como atividade cognitivamente situada, de acordo com os trabalhos de Mondada e Dubois (2003), seguida no Brasil por Cavalcante (2011), Santos e Cavalcante (2014), dentre outros. Utilizam-se também os conceitos de texto e leitura já bem delimitados e estruturados aqui no Brasil por Koch (2002, 2006), e Marcuschi (2008). Todos esses trabalhos convergem para entender o texto, a leitura e as formas de referenciação como atividades cognitivas e construídas na interação.

Como *corpus* para este trabalho, foram utilizadas duas notícias esportivas do jornal *Lance!*, gênero textual de grande apelo entre os alunos; entretanto, pouco utilizado nos manuais didáticos. Tal gênero foi escolhido não só pela empatia dos alunos, mas também por ser um ótimo exemplar de como os conhecimentos compartilhados são importantes no ato da leitura, como demonstrado em Morais (2017). A metodologia de análise consistirá no exame das formas de referenciação, a saber - anáforas diretas, anáforas diretas recategorizadoras, anáforas encapsuladoras e introdução dos referentes – demonstrando

como essas estratégias contribuem para a progressão temática e para orientação argumentativa dos textos. A análise dessas estratégias e sua função nos textos é um dos caminhos que pode contribuir com um percurso mais eficaz para o ensino de leitura.

TEXTO E REFERENCIAÇÃO SOB A PERSPECTIVA SOCIOCOGNITIVA

Como a proposta deste trabalho integra aspectos cognitivos, sociais e linguísticos na construção de sentidos do texto, não podemos analisar a materialidade linguística como simples resultado de escolhas lexicais ou sintáticas, mas como marcas enunciativas, ações dos sujeitos na sua relação com e sobre o mundo. Deste modo, o texto passa a ser visto, conforme Koch (2006, p.65), como um “mapa da mina”, o que permitirá ao leitor percorrer caminhos que o aproximem da ideia do produtor ou o desviem dela, por meio do levantamento de hipóteses de sentido.

De acordo com Koch (2006), a Linguística de Texto tem se apoiado, ultimamente, em uma perspectiva sociocognitiva e interacional da linguagem, partindo do pressuposto de que a leitura e compreensão textuais dependem do acionamento de conhecimentos prévios, estando, portanto, atreladas a aspectos sociocognitivos. Desse modo, o texto é entendido como um fenômeno comunicativo associado ao contexto sociocultural dos interlocutores (CAVALCANTE, 2011). Por essa razão, não se fala em um sentido para o texto, uma vez que valores culturais atuam na interpretação deste. Portanto, considerar o leitor e perceber que os conhecimentos podem variar de um leitor para outro acarreta aceitar múltiplas leituras e sentidos oriundos de um mesmo texto, o que não significa dizer que se possa admitir qualquer interpretação, mas pensar o texto a partir das pistas que ele fornece tendo em vista a interação autor-texto-leitor e todos os outros conhecimentos envolvidos nesse processo.

Podemos dizer, então, que o processamento textual, seja para a produção de um texto ou para a sua leitura, depende da interação entre os interlocutores que atuam em conjunto, mobilizando uma série de conhecimentos – de ordem cognitiva, interacional, cultural e textual – para produzirem sentido. Esse processamento envolve um movimento por parte do leitor para estabelecer pontes entre informações novas e outras já fornecidas dentro do texto. Cabe ressaltar que essa relação não é simples nem explícita: exige inferências, interpretação de expressões referenciais e de outros mecanismos linguísticos.

De acordo com Koch (2002, p. 30):

O sentido de um texto, qualquer que seja a situação comunicativa, não depende tão somente da estrutura textual em si mesma. Os objetos de discurso a que o texto faz referência são apresentados em grande parte de forma lacunar, permanecendo muita coisa implícita. O produtor do texto pressupõe da parte do leitor/ouvinte conhecimentos textuais, situacionais e enciclopédicos e, orientando-se pelo Princípio da Economia, não explicita as informações consideradas redundantes. Ou seja, visto que não existem textos totalmente explícitos, o produtor de um texto necessita proceder ao “balanceamento” do que necessita ser explicitado textualmente e do que pode permanecer implícito, por ser recuperável via inferênciação.

Portanto, para a Linguística de Texto, o texto é o lugar da interação, no qual circulam as intencionalidades, pistas e informações compartilhadas, imbricados em uma relação estreita, por isso é difícil falar em conhecimentos linguísticos e extralinguísticos; já que não se pode distinguir quais conhecimentos estariam dentro e quais estariam fora do texto, visto que todos eles atuam em igual medida na construção de sentidos. Dessa forma, o texto não pode ser entendido como uma materialidade que leva ao discurso. Pelo contrário, se é resultado de uma situação discursiva, o texto é indissociável do discurso. Segundo Marcuschi (2008, p.58), a distinção entre texto e discurso, além de complexa, não se mostra interessante, já que hoje as duas noções podem ser vistas como intercambiáveis.

Os processos de referenciação auxiliam na percepção dos percursos de sentido dentro dos textos, colaborando, diretamente, para representação das intencionalidades e objetivos que compõem o ato da leitura. A referenciação se constitui como uma atividade discursiva, uma vez que o texto é o próprio lugar da interação entre sujeitos sociais, que compartilham conhecimentos com a finalidade de atingir as suas propostas comunicativas. São atribuídas à referenciação, dentre outras funções, a possibilidade de introduzir novos referentes no texto, além de contribuir para a sua progressão temática – atividades importantes para a construção de sentidos.

Desse modo, a referenciação ocupa um lugar importante dentro da Linguística de Texto e os estudos sobre esse fenômeno, atualmente, vão além do reconhecimento das cadeias e mecanismos de referenciação dentro dos textos para atrelar esse conhecimento ao estudo dos gêneros textuais. Esse tem sido um objeto de investigação muito importante, já que permite a interrelação entre a leitura e as estratégias de referenciação. Como dissemos anteriormente, a leitura depende da nossa bagagem cultural, do nosso conhecimento linguístico e do conhecimento sobre as coisas do mundo. Nesse sentido, como já

mostramos em Morais (2012), a observação das cadeias referenciais é uma pista importante para a elaboração de significados.

Cabe destacar que a ação de nomear os referentes envolve uma reflexão sobre o próprio ato de nomear seres ou entidades, sendo uma atividade ancorada em função do leitor, dos propósitos comunicativos do texto e do gênero textual em questão. Portanto, é natural que a ação de nomear aconteça no próprio momento da interação, ou seja, os referentes são elaborados e homologados pelas relações que se estabelecem em cada situação comunicativa, o que significa dizer que são construídos discursivamente. Dentro dessa perspectiva, não cabe mais usar o termo referência, mas sim referenciação, uma vez que

passam a ser objetos de análise as atividades de linguagem realizadas por sujeitos históricos e sociais em interação, sujeitos que constroem mundos textuais cujos objetos não espelham o mundo real, mas são, isto sim, interativamente e discursivamente constituídos em meio a práticas sociais, ou seja, são objetos de discurso. (KOCH, MORATO, BENTES, 2005, p. 8)

Para Koch (2006), a discursivização ou textualização do mundo através da linguagem não faz referência a um simples processo de elaboração de informações, mas a um processo de (re)construção do próprio real. Os objetos de discurso se (re) constroem no próprio processo de interação: “a realidade é construída, mantida e alterada não apenas pela forma como nomeamos o mundo, mas acima de tudo pela forma como, sociocognitivamente, interagimos com ele” (KOCH, 2006, p. 34).

Nessa perspectiva, são constituídos objetos de discurso que vão se mantendo e/ou modificando ao longo do discurso, por isso a instabilidade desses referentes é uma característica intrínseca a esse processo, visto que esses objetos vão se construindo no texto e não fora dele.

A rigor, as estratégias de referenciação consistem na introdução dos referentes no texto, passíveis de serem retomados por uma estratégia anafórica, que pode ser retrospectiva ou prospectiva. Quando há a correferencialidade, diz-se que se trata de uma anáfora direta (AD) e, quando não é possível identificar essa relação correferencial, tem-se uma anáfora indireta. Há ainda um outro tipo de anáfora, que estaria entre esse *continuum* correferencialidade – não correferencialidade, as chamadas anáforas encapsuladoras. Segundo Conte (2003), essas anáforas possuem um papel de sumarizar/resumir porções do cotexto ao mesmo tempo em que podem atribuir um rótulo a essas porções, estabelecendo

uma avaliação. Por essa razão, pressupõem inferências na sua interpretação, não sendo uma estratégia de correferencialidade como a anáfora direta.

Embora não seja o escopo deste artigo discutir questões teóricas sobre referenciação, nesse ponto, é importante destacar que a noção de correferencialidade é bastante discutível. Como já estabelecido em Ciulla e Silva (2008) e Morais (2012), não se trata de uma ligação direta entre o objeto de discurso e seu referente, isto é, não se trata de “puxar setas”, como tradicionalmente se entende o processo de coesão textual. A correferencialidade é construída de acordo com as relações de sentido estabelecidas no texto, muitas anáforas diretas recategorizam os referentes, acrescentando novas informações sobre eles, fazendo-os evoluir ao longo do texto, expandindo a noção simples de que esses recursos contribuem apenas para evitar a repetição de palavras nos textos. No gênero notícia esportiva, por exemplo, as anáforas diretas recategorizadoras se revelam estratégias muito elaboradas na arquitetura textual, já que contribuem para orientação argumentativa das notícias, conforme verificado em Morais (2012, 2017). Em resumo, pode-se dizer que os processos de referenciação, atualmente, conforme aponta Colamarco (2014), precisam ser pensados em termos de um *continuum* e não como categorias discretas.

Pode-se, então, concluir que a construção de um sentido para o texto depende dos diversos processos referenciais. É um processo dinâmico que depende de relações intertextuais e interdiscursivas.

PARA ALÉM DA TEORIA: A REFERENCIAÇÃO NO ENSINO

De acordo com Gonçalo (2013), as atividades de leitura associadas aos processos referenciais ainda são escassas nos livros didáticos. A autora mostra que o conceito de coesão é empregado, geralmente, em atividades de produção textual ou em atividades descontextualizadas em relação ao emprego de conectivos.

Trabalhar a referenciação atrelada à leitura é uma das formas de empregar as sugestões contidas nos PCN's de língua portuguesa, que postulam a integração entre o tripé leitura – análise linguística – produção de textos.

De acordo com Cavalcante e Santos (2012, p. 679), “trabalhar com referenciação em sala de aula significa formar leitores e produtores críticos e envolvidos com a importância sociocognitiva e histórica das estratégias textual-discursivas”. Nesse sentido, o exame das cadeias referenciais dentro do texto, das recategorizações e encapsulamentos é uma ferramenta útil para desenvolver tais habilidades leitoras. É comum, por parte dos

alunos, sentirem necessidade de “apontar para o texto”, isto é, de perceber como os sentidos estão engendrados nos textos.

As formas de introdução, manutenção e retomada dos referentes podem orientar a percepção dos leitores em diferentes gêneros textuais. Em geral, as atividades contidas nos livros didáticos são baseadas nas anáforas, tendo em vista relações de correferencialidade, levando o aluno a analisar somente a superfície do texto (GONÇALO, 2013). Ademais, há a preocupação em analisar as formas de referência com vistas a produzir textos sem repetição de palavras. Muitas vezes, tais atividades desprezam as características do gênero textual utilizado nos exercícios, solicitando “evitar repetições” que têm uma função dentro dos textos.

Os estudos atuais sobre referência, conforme demonstra Cavalcante (2011), já mostram que o par coesão/coerência é indissociável na leitura/compreensão textuais. Embora ainda haja uma separação desses conceitos, com fins didáticos de facilitar o aprendizado, é preciso propor estratégias para que os alunos percebam e possam analisar essa relação nos diferentes textos para, assim, também perceber essa relação na prática de produção de textos. Acredita-se que seja importante que os discentes tenham uma experiência de análise de textos mais criteriosa e deixem a impressão de que se trata de uma disciplina de “achismos”.

A seguir, há a proposta de análise de duas notícias esportivas, destacando os processos de referência mais importantes, bem como suas funções no texto e como atuam para progressão temática e orientação argumentativa. A ideia é que essa análise seja uma possibilidade de trabalho com a leitura em sala com um determinado gênero textual, a notícia esportiva.

A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS NAS NOTÍCIAS ESPORTIVAS

Antes de começar a análise, cabe caracterizar brevemente o gênero notícia esportiva. A notícia, de acordo com Charaudeau (2010), pode ser compreendida como um conjunto de informações que integra um mesmo espaço temático, ou seja, o acontecimento é um fato que se insere num certo domínio público.

A notícia esportiva é o texto em que se narra os lances de determinada partida, não é um texto assinado e não apresenta uma estrutura opinativa de modo claro e proposital. Esse gênero cumpre a função de relatar/narrar os resultados dos jogos, seu léxico é bem marcado com termos utilizados dentro do meio futebolístico, bem como é bastante comum

o uso de expressões populares e metáforas. Em relação à linguagem, Barbeiro e Rangel (2006) destacam que o texto esportivo, de modo geral, detém maior liberdade no tratamento da matéria. Segundo os autores, na editoria de esportes, é perceptível humor e leveza, e o vocabulário, muitas vezes, consagra expressões populares, sendo mais criativo. Essa criatividade no vocabulário e o uso de recursos narrativos como a construção de vilões ou heróis, por exemplo, têm a função de emocionar o leitor/consumidor desses textos. O apelo à emoção é também uma característica constitutiva desse gênero.

As notícias esportivas utilizadas neste artigo referem-se aos jogos da Copa do Mundo de 2014, esses textos foram publicados no jornal *Lance!* – publicação voltada, exclusivamente, para o universo esportivo, com informações sobre os jogos, clubes, jogadores. Ainda que o futebol seja o esporte central do referido jornal, há também, de modo resumido, informações sobre outros esportes.

Exemplo 1

Depois do bombardeio, Bélgica 2X1 Estados Unidos
Anheuser – Busch, Duvel, Stella-Artois. Qual delas os belgas vão escolher para comemorar a dramática vitória sobre os Estados Unidos? Ou tomarão todas? Pois é os Diabos Vermelhos deixaram de lado todo o futebol pragmático da primeira fase, reviveram na Fonte Nova alguns dos melhores momentos nas Eliminatórias e só não enfiaram uma goleada no adversário porque Tim Howard, mesmo com a derrota, foi um autêntico herói, com 16 defesas em 27 das 38 bolas chutadas a gol, os norte-americanos fizeram um esforço extraordinário para manter a *Star-Splanged Banner* tremulando.

Os Estados Unidos entraram mais cautelosos, permitindo que os belgas ficassem mais tempo com a bola, para surpreendê-los nos contra-ataques. E, embora houvesse uma correria desenfreada, e o jogo fosse interessante, as equipes erravam quase sempre o último passe e as conclusões, daí as raras oportunidades e o lógico 0 a 0.

O segundo tempo foi diferente. O time europeu voltou pressionado, disposto a decidir, e criou um punhado de chances, obrigando Howard a praticar várias intervenções. Os americanos quase não conseguiam superar o próprio campo, abusando dos chutões, aceitando o domínio belga. Marc Wilmots trocou Mertens por Mirallas, que tornou os Diabos Vermelhos ainda mais ousados. Mas as tentativas morriam nas mãos e nos pés do goleiro. Mirallas e Hazard, livres de marcação, desperdiçaram oportunidades incríveis. Besler evitou o pior no complemento de Van Buyten. Origi tentou de fora da área e o monstro deu um tapa para escanteio.

E lá veio a prorrogação. Nesta, os belgas acabaram ganhando com a arma dos norte-americanos: aos dois, Lukaku, que entrou com o próprio diabo no corpo, rolou para De Bruyne fazer 1 a 0. Aos 15, De Bruyne lançou Lukaku, que fuzilou: 2 a 0. Aos 17, no entanto, o jovem Green, 19 anos, mostrou que não está verde: entrou em campo e diminuiu para 2 a 1. Foi um final imprevisível, mas ficou nisso. (ASSAF, Roberto. *Depois do bombardeio, Bélgica 2X1 Estados Unidos*. Jornal *Lance!* Rio de Janeiro, 2 de julho de 2014, p. 12).

A notícia que compõe o exemplo 1 narra a partida entre Bélgica e Estados Unidos pelas oitavas de final da Copa do Mundo – fase eliminatória, que garantiria classificação e continuidade da equipe no campeonato.

Observando o objeto de discurso “Bélgica”, introduzido no discurso logo no título, percebe-se como esse referente vai ser caracterizado positivamente no texto. Logo no primeiro parágrafo, a seleção belga é retomada através anáfora direta recategorizadora “diabos vermelhos”. Esse epíteto já evidencia a orientação argumentativa da notícia no sentido de valorizar as ações da seleção belga em oposição à seleção norte-americana, o que pode ser confirmado através de outras pistas dentro do texto, como “domínio belga”, “disposto a decidir”, ao passo que as ações da seleção norte-americana foram caracterizadas como ineficientes, como nos exemplos “não conseguiam superar o próprio campo”, “entraram mais cautelosos”, “abusaram dos chutes”.

É interessante notar também, logo no início do texto, a referência, através de anáforas indiretas, às cervejas belgas, sublinhadas no excerto abaixo:

Anheuser – Busch, Duvel, Stella-Artois. Qual delas os belgas vão escolher para comemorar a dramática vitória sobre os Estados Unidos? Ou tomarão todas?

Essas anáforas inserem um novo objeto de discurso no texto – as cervejas belgas – ancorado pelas pistas no cotexto, como a informação de que serão utilizadas em uma comemoração, por exemplo, e pela frase “tomarão todas”, que, de acordo com conhecimentos compartilhados culturalmente, já sugere o uso de bebidas alcoólicas. É curioso como essas amarras anafóricas vão construindo um valor de superioridade belga, sugerindo que eles “merecem a comemoração”. Nesse sentido, o sintagma nominal “dramática vitória” funciona como uma anáfora encapsuladora prospectiva, pois retoma a vitória belga enunciada no título do texto, mas antecipa, através do adjetivo “dramática”, uma avaliação da partida, que será evidenciada ao longo da notícia, em que será exposto, dentre outras informações, que a vitória só veio na prorrogação da partida, o que contribui para a dramaticidade da vitória. Para Conte (2003, p.186), a anáfora encapsuladora “funciona simultaneamente como um recurso coesivo e como um princípio organizador, e pode ser um poderoso meio de manipulação do leitor”, pois o fato de o produtor do texto rotular um conteúdo contribui para sua força argumentativa.

Esses encapsulamentos desempenham papel importante para a coesão textual, organizando informações já mencionadas no texto e, ao mesmo tempo, apontando para novas informações, mantendo em estado de ativação determinado objeto de discurso, transformando-o, indicando o estágio seguinte, funcionando também como elo entre os tópicos. São, portanto, formas que garantem a progressão textual e merecem destaque na análise de textos, tanto em atividades de leitura quanto de produção de textos. É

importante ressaltar que a reflexão e o entendimento de como esses elementos funcionam nos textos é o que possibilita o uso consciente dessas estratégias por parte dos alunos enquanto produtores de seus próprios textos.

Sobre esse texto, embora haja outros recursos interessantes, cabe destacar, por fim, a evolução do referente Tim Howard ao longo da notícia esportiva. Esse objeto de discurso, introduzido logo no primeiro parágrafo, é recategorizado como herói e foi o jogador que mereceu mais destaque da seleção norte-americana por conta de sua atuação como goleiro. Contudo, já no final do texto, foi novamente recategorizado por meio da anáfora direta “o monstro”, comprovando como, de fato, a referenciação é um fenômeno dinâmico e a construção dos significados é negociada.

Analisando esse parágrafo, percebe-se ainda que há outros nomes de jogadores citados, como Mirallas, Origi, Buyten, dentre outros, que poderiam confundir ou dificultar o estabelecimento da correferência. Para interpretação da expressão anafórica “o monstro”, o leitor teria de se apoiar nas pistas textuais, como, por exemplo, “deu um tapa”, que já aponta que “o monstro” teria de ser um goleiro, além de conhecer o nome dos jogadores e suas funções no campo – informação que requer um conhecimento mais específico do esporte. Nas palavras de Santos, Cuba Riche e Teixeira (2012, p. 20)

não basta identificar a que elemento no texto determinado pronome ou substantivo se refere, porque, muitas vezes, há mais de um elemento morfossintaticamente capaz de associar-se a esses termos. Para compreender um texto, é necessário relacionar os elementos de retomada à construção de seu sentido.

Chama atenção também a relação entre as palavras herói e monstro. Fora do texto, poder-se-ia pensar em uma relação de oposição; entretanto, dentro do texto, as relações estabelecidas levam esses vocábulos a designar a mesma entidade, qualificando-a positivamente. Esse exemplo mostra como é importante tomar o texto como unidade de ensino, pois é através dele que as formas da língua se concretizam como formas de ação. Nesse caso, pode-se inferir, inclusive, um valor argumentativo no uso dessas formas que comprova como a escolha lexical não é aleatória, fato que deve ser sempre discutido nas análises textuais em sala de aula, a fim de demonstrar como essas escolhas se associam ao projeto de dizer dos textos.

O próximo exemplo trata do jogo entre Holanda e Argentina, pela semifinal da Copa do Mundo:

Exemplo 2

Corrida para o tri

Brasil decime que se siente. Daqui 20, 40, 50 anos, os argentinos vão lembrar que vieram ao Brasil e fizeram do país vizinho sua casa, sua morada. E que, na Copa do Brasil, quem foi ao Brasil foram eles.

A Argentina vai fazer a final do mundial em nossa casa com a responsável pela maior humilhação de nossa história: a Alemanha. O jogo de domingo no Maracanã será o tira-teima de finais de Copas: em 1986, os argentinos levaram a melhor sobre os alemães. Quatro anos depois, veio o troco.

A Argentina venceu a Holanda porque foi muito mais competente nos pênaltis, após 0 a 0 no tempo normal e na prorrogação, mas não foi só isso. Os Hermanos fizeram muito do que o time de Luiz Felipe Scolari, que deveria jogar no Maracanã domingo, não o fez na terça no Mineirão.

O time de Alejandro Sabella em nenhum momento abandonou sua proposta e só assim foi capaz de fazer frente à consistente Holanda do ótimo Louis Van Gaal. A partida de xadrez que durou 120 minutos mostrou o que é uma semifinal de copa do mundo. Como tudo deve ser.

Nenhum dos dois times foi melhor na Arena Corinthians e qualquer bola poderia decidir o futuro dessas duas gigantes. Robben, lembrando a final de 2010 diante da Espanha, teve essa bola aos 45 minutos do segundo tempo. Foi travado por Mascherano, um monstro.

O astro holandês jogou pro alto a chance de fazer história. E permitiu aos argentinos escrevê-la.

A Argentina de Messi, mas que ontem foi de todos. O craque estava apático, talvez como se quisesse provar que sua seleção poderia chegar a uma final sem ele. Chegou.

A Holanda, de novo, bate na trave e deve encerrar a geração de Robben, Sneijder e Van Persie. (PORTO, Marcio. *Corrida para o tri*. *Jornal Lance!* Rio de Janeiro, 10 de julho de 2014, p. 10).

Em relação às estratégias de referenciação, predominam as anáforas diretas formadas pela estratégia de repetição lexical e as formadas por novas expressões referenciais na manutenção dos principais objetos de discurso do texto. A seguir, há um exemplo de uma anáfora direta que recategoriza o objeto de discurso “Alemanha”:

A Argentina vai fazer a final do mundial em nossa casa com a responsável pela maior humilhação de nossa história: a Alemanha.

A expressão “a responsável pela maior humilhação de nossa história” apresenta um grande teor avaliativo, uma vez que faz referência ao episódio da derrota sofrida pelo Brasil por 7 x 1 para Alemanha. Além disso, o texto o tempo todo lembra que a Argentina disputaria a final no Brasil, reforçando a rivalidade existente entre Brasil e Argentina e sugerindo que, para o torcedor brasileiro, seria difícil escolher um lado nessa disputa.

O título já aponta que a orientação argumentativa do texto vai ser direcionada pelo ponto de vista dos interesses da seleção argentina. “Corrida para o tri” levanta a possibilidade de a seleção argentina conquistar o tricampeonato mundial. Essa interpretação depende de muitos conhecimentos compartilhados, pois é preciso saber que a seleção sul-americana era bicampeã e que a Holanda, sua rival na partida não possui

nenhum título mundial. No primeiro parágrafo, há a alusão à música cantada pela torcida argentina nos estádios e o texto se inicia reforçando a campanha positiva da seleção argentina no Brasil em oposição ao que fez a seleção brasileira.

Com a vitória dos argentinos – “inimigos” históricos da seleção brasileira -, o texto recorre a diversas “alfinetadas” à seleção brasileira, eliminada após a histórica derrota para a Alemanha. Essas informações são importantes, pois a notícia se constrói com base nessas referências. Como será possível ver, a provocação à seleção brasileira está posta logo na primeira linha do texto. A compreensão dessas referências é importante para apreender o tom de crítica direcionado à atuação da seleção brasileira, eliminada de uma maneira vexatória (a derrota por 7 x 1) no seu próprio país.

O texto segue tratando mais detidamente dos lances e informações da partida. Argentina e Holanda aparecem recategorizadas, respectivamente, por “time de Alejandro Sabella” e “Holanda do ótimo Louis Van Gaal”. Essas anáforas diretas, que têm em comum o nome dos técnicos das duas seleções, contribuem para revelar a intencionalidade do texto ao enfatizarem os técnicos, já que o próprio jogo foi encapsulado como uma partida de xadrez.

No decorrer do texto, as duas seleções são recategorizadas pela expressão “duas gigantes”, mais uma vez, reforçando a expressão dessas duas seleções no cenário mundial. Ao descrever os últimos lances que poderiam ter modificado o placar da partida e a sorte de cada time na competição, foi empregada uma anáfora direta que apela bastante para o conhecimento compartilhado dos interlocutores:

Robben, lembrando a final de 2010 diante da Espanha, teve essa bola aos 45 minutos do segundo tempo. Foi travado por Mascherano, um monstro.
O astro holandês jogou pro alto a chance de fazer história. E permitiu aos argentinos escrevê-la.

A anáfora direta “o astro holandês” refere-se a Robben, importante jogador holandês. Caso o leitor não conhecesse esse jogador, poderia chegar a essa conclusão por meio da arquitetura textual, já que o texto informa que ele teve “essa bola”, uma bola que poderia decidir o jogo. Logo, foi ele quem jogou para o alto a “chance de fazer história”. Há outras informações mais dependentes da bagagem cultural dos interlocutores, como a nacionalidade e a menção à final da copa de 2010, em que o mesmo jogador holandês também desperdiçou uma oportunidade de decidir o jogo.

Nesse texto, chama atenção também o uso das anáforas encapsuladoras como estratégia para conduzir um julgamento no texto, como no trecho abaixo, em que a

expressão “a partida de xadrez” sintetiza as impressões trazidas pela notícia sobre o jogo ao rotulá-lo com tal expressão:

A partida de xadrez que durou 120 minutos mostrou o que é uma semifinal de copa do mundo. Como tudo deve ser.

Com base nessa expressão, podemos depreender que o jogo foi equilibrado e bem disputado, como em uma partida de xadrez. Há ainda a menção aos técnicos das respectivas seleções, valorizando as estratégias técnicas pensadas por eles, conteúdo que também é reforçado pelo uso do encapsulador destacado.

Para desfazer a imagem de um jogo sem emoções – conteúdo pressuposto por ter sido um jogo sem gols –, em que os lances principais só saíram na prorrogação, há a relação de oposição marcada pela oração “mas não foi só isso”, que procura descartar essa possível leitura. O uso do advérbio “só” com o pronome “isso” reforça a tese de que o jogo foi interessante. Isto é, ainda que os gols tenham acontecido somente na disputa de pênaltis, não quer dizer que o jogo tenha sido sem emoção.

É importante destacar também que, pronome “isso” não só sintetiza a porção anterior do texto como também cria uma expectativa para algo que ainda vai ser dito, ou seja, também aponta “para frente” no texto. Ao dizer que “não foi só isso”, o jornalista gera no leitor uma curiosidade sobre o que se seguiu na partida, por isso podemos dizer que esse encapsulamento realiza um duplo movimento no texto, de continuidade e progressão, retomando porções já ditas e antecipando que mais informações serão ditas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O gênero notícia esportiva é bastante atrelado ao contexto sociocognitivo, por isso as formas de referenciação nele verificadas dependem extremamente de conhecimentos compartilhados para sua interpretação. Construir a coerência desse enunciado, portanto, depende sempre de os interlocutores partilharem conhecimentos.

Nesse sentido, os participantes da enunciação vão ativando os sentidos e interpretando os referentes como velhos ou novos. Soma-se a isso a intencionalidade e os propósitos comunicativos do gênero textual em questão, pois a notícia esportiva procura destacar lances mais importantes do jogo de modo a garantir uma adesão emocional do seu interlocutor. Desse modo, os processos de referenciação são ferramentas que também contribuem para que esse propósito seja alcançado.

Considerando que a referenciação é uma prática discursiva, marcada por estratégias sociocognitivas e interacionais, torna-se indispensável destacar na escola o papel do leitor na construção de sentidos, sendo cada vez mais urgente inserir a análise dos processos referenciais no ensino para colaborar com a formação de um leitor crítico e com a prática escrita dos discentes. Finalmente, é necessário levar até os alunos as descobertas do meio acadêmico por meio de metodologias e materiais a serem desenvolvidos.

BIBLIOGRAFIA

- BARBEIRO, H. & RANGEL, P. Manual do jornalismo esportivo. São Paulo: Contexto, 2006.
- CAVALCANTE, Mônica. *Referenciação: sobre coisas ditas e não-ditas*. Fortaleza: Edições UFC, 2011.
- _____. Mônica e SANTOS, Leonor. *Referenciação e marcas de conhecimento compartilhado*. In: Linguagem em (Dis)curso, Tubarão, SC, v. 12, n. 3, p. 657-681, set./dez. 2012.
- CHARAUDEAU, P. *Discurso das mídias*. Tradução de Ângela S. M. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2010.
- CIULLA E SILVA, A. *Os processos de referência e suas funções discursivas: o universo literário dos contos*. 205f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.
- COLAMARCO, M. *Os processos anafóricos no gênero relato esportivo*. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.
- CONTE, Maria-Elizabeth. Encapsulamento Anafórico. In.: CAVALCANTE, Mônica. *et. al.* (Org.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 177-190.
- GONÇALO, Fabiana da C. *Referenciação em atividades de leitura com crônicas: uma análise dos livros didáticos de português*. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.
- KOCH, Ingedore Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.
- _____. *Argumentação e linguagem*. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- _____; Morato, E.M. e Bentes, A.C. *Referenciação e Discurso*. São Paulo: Contexto, 2005.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.
- MONDADA, L. & DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M., RODRIGUES, B. B., CIULLA, A. (Orgs.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-52.
- MORAIS, M. *Processos de referenciação nos relatos esportivos*. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.
- _____. *Referenciação em campo: a construção de sentidos nas notícias esportivas*. 2017. 181f. Tese (Doutorado). Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.
- SANTOS, L. W. dos, RICHE, R. C., TEIXEIRA, C. *Análise e produção de textos*. São Paulo: Contexto, 2012.
- _____; CAVALCANTE. *Referenciação: continuum anáfora-déixis*. Intersecções, Jundiaí, v. 12, n. 1, maio. 2014. p. 224-246.

MARGARETH ANDRADE MORAIS

Doutoranda em língua portuguesa pela UFRJ, com foco nas pesquisas sobre gênero textual, referenciação, ensino. Atualmente, é professora de língua portuguesa e literatura brasileira do Instituto Federal de educação, ciência e tecnologia do Rio de Janeiro. E-mail: margareth.morais@ifrj.edu.br

Enviado em 20/03/2017.

Aceito em 20/04/2017.